

ARTE I

Com o rigor da geometria

Um dos movimentos intelectuais mais badalados da cultura brasileira – e que deixou saldos duradouros – foi o da arte concreta, oficialmente lançado em São Paulo em 1956, com uma exposição da qual participavam pintores, escultores e poetas. Sob certos ângulos, o concretismo só é comparável à Semana de 22, organizada e articulada, como ele, com propósitos e ideologias de reformar – se não arrebrantar – a arte feita até então. Mas vê-se, hoje, que a história da arte não pode ser dinamitada a cada instante. “A pintura está morta”, declarou na década de 40 o americano Jackson Pollock, pai da *action-painting*. Entretanto, nada mais vivo que a pintura, hoje. Da mesma forma, a arte pela qual batalhavam os concretistas, feita com inteligência, com um projeto, antiemocional, antiexpressiva (mas não anti-sensível), não acabou. Os movimentos artísticos se fazem por idas e vindas, por ciclos, por antíteses, e por

FOTOS: ROBERTO FAUSTINO



O concretista Sacilotto: abstração e efeitos ópticos

isso a arte sobrevive a qualquer transe.

Quando se fala dos pintores concretos brasileiros, três são os nomes que logo vêm à cabeça: Waldemar Cordeiro (que teorizou e liderou o movimento), Hermelindo Fiamminghi e Luiz Sacilotto, cujos trabalhos ficam em exposição até o dia 10 de maio na Galeria Millan, em São Paulo. Cordeiro morreu, mas os outros dois continuam a produzir. Curiosamente, Sacilotto – talvez o menos intelectualizado do

grupo – é o que continuou mais ortodoxo. Realiza uma arte de geometria rigorosa, ligada a problemas abstratos de teoria da percepção e da *gestalt*, discutindo efeitos ópticos, jogos entre forma e fundo, ambigüidade entre planos, e assim por diante. Sem ser propriamente fria – até porque a pessoa de Sacilotto é ameníssima, carinhosa, envolvente –, trata-se de uma pintura em que a cabeça se envolve mais que o coração. Mas o próprio Sacilotto assegura: “A

intuição está em primeiro lugar”. Isto é: nem ele acredita em regras fixadas *a priori*.

Nascido em 1924 em Santo André, na Grande São Paulo, filho de imigrantes italianos, Sacilotto leva a mesma vida simples até hoje – apenas mais confortável, porque a historicidade já valorizou seus trabalhos no mercado (em torno de 400 mil cruzados o metro quadrado). De sua coleção particular em Santo André, trouxe para essa exposição alguns quadros antiquíssimos, dos fins dos anos 40. Sem a transformar em retrospectiva, eles permitem releituras e conclusões. Uma delas, sem dúvida, é o pioneirismo de Sacilotto na implantação da abstração geométrica no Brasil. Outra é a conformação de sua importância. A terceira – que vem do conjunto – é a convicção que hoje Sacilotto ousa enunciar: “Eu sempre achei que uma obra tem que ter beleza. Apenas precisamos ter cuidado com a palavra ‘expressivo’. Uma obra não exprime. Ela é”.

Olívio Tavares de Araújo▲